

## DESEJO TORNAR-ME PROFESSORA? REFLEXÕES ACERCA DO PIBID E PRP NA FORMAÇÃO DOCENTE

### ¿QUIERO SER MAESTRO? REFLEXIONES SOBRE PIBID Y PRP EN LA FORMACIÓN DOCENTE.

**Bárbara Letícia de Freitas Assis**

Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Goiano (IFGOIANO-Urutaí)  
[barbara.freitas@estudante.ifgoiano.edu.br](mailto:barbara.freitas@estudante.ifgoiano.edu.br)

**Alessandra Pavolin Pissolati Ferreira**

Universidade Federal de Uberlândia - UFU  
[alepissolati@gmail.com](mailto:alepissolati@gmail.com)

**João Pedro Martins Sousa**

Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Goiano (IFGOIANO-Urutaí)  
[joao.pedro2@estudante.ifgoiano.edu.br](mailto:joao.pedro2@estudante.ifgoiano.edu.br)

**Luciana Aparecida Siqueira Silva**

Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Goiano (IFGOIANO-Urutaí)  
[luciana.siqueira@ifgoiano.edu.br](mailto:luciana.siqueira@ifgoiano.edu.br)

## RESUMO

Este relato é uma narrativa do percurso de desenvolvimento de um Trabalho de Conclusão de Curso sobre racismo científico no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas que se entrelaça com a participação no Programa Residência Pedagógica (PRP). Ao longo do trabalho é narrado o encontro com o tema de pesquisa e reflexões acerca da influência do referido programa na minha vida profissional. A aproximação com a realidade escolar possibilitada pelo PRP e pelo Estágio Curricular Supervisionado (ECS), em articulação com o encontro com a produção científica nacional recente foram pilares para o amadurecimento e a construção da minha identidade como futura docente de Ciências e Biologia.

**Palavras-chave:** pibid; residência pedagógica; ensino de biologia, TCC; formação inicial docente.

**Eixo temático:** 3. Formação docente em Ciências e Biologia.

**Modalidade:** Relato de experiência pedagógica.

## RESUMEN

Este informe es una narrativa del camino de desarrollo de un Trabajo de Finalización de Curso sobre racismo científico en la Licenciatura en Ciencias Biológicas que se entrelaza con la participación en el Programa de Residencia Pedagógica (PRP). A lo largo del trabajo se narra el encuentro con el tema de investigación y reflexiones sobre la influencia del mencionado programa en mi vida profesional. El acercamiento a la realidad escolar posibilitado por el PRP y la pasantía supervisada, en conjunto con el encuentro con la producción científica nacional reciente, fueron pilares para la maduración y construcción de mi identidad como futura docente de ciencias y biología.

**Palabras clave:** pibido; residencia pedagógica; enseñanza de la biología, tcc; formación inicial del profesorado.

**Eje temático:** 3. Formación del profesorado en Ciencias y Biología.

**Modalidad:** Informe de experiencia pedagógica.

## NOTAS INTRODUTÓRIAS

Este relato é uma narrativa da jornada acadêmica de uma estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, que encontrou seu tema de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)<sup>1</sup> apenas no último ano da graduação. Para tanto, foi necessário reconhecer o racismo internalizado em si mesma, buscar por um caminho que a levasse ao letramento racial, encontrar seu lugar de fala na busca de se tornar uma pesquisadora antirracista e que possuía dúvidas se desejava se tornar professora.

Assim, a construção do TCC se constitui como um exercício de produção científica, mas também de constituição da minha identidade como mulher, branca, pesquisadora e professora em formação. Nas experimentações e vivências que foram sendo possíveis nessa caminhada vou produzindo essa investigação e por ela vou sendo produzida. As escolhas teórico-metodológicas são marcadas pelos encontros humanos e com a produção científica que me atravessam, uma vez que “aceitamos trabalhar com o que sentimos, vemos, tocamos, manuseamos e escutamos em nosso fazer investigativo” (PARAÍSO, 2014, p. 35).

---

<sup>1</sup> Para garantir o processo de anonimato, o título do Trabalho de Conclusão será inserido após a avaliação

É na aposta por esses encontros que esse texto ganha materialidade. Encontros que foram sendo possíveis no contexto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no Programa Residência Pedagógica (PRP) e no Estágio Curricular Supervisionado (ECS) do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí. Assim, o presente texto busca narrar como a inserção nesses espaçostempos formativos contribuíram no meu processo de formação científica, com a construção do TCC, e docente comprometida com uma educação antirracista.

## **UM CAMINHO PARA DESCOBERTAS E REFLEXÕES**

O início da minha jornada acadêmica foi em fevereiro de 2020, junto com a chegada da pandemia de Covid-19 na região rural do interior de Goiás onde vivo. Mal pude ter a chance de conhecer o campus ao qual estava matriculada e fui privada de vivenciar minha graduação de modo presencial. A metade da minha graduação (2 anos) foi marcada pelo contexto de aulas remotas e pelo meu primeiro contato com a docência através da minha participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

Com a proposta de “contribuir para a formação de professores com o propósito de incentivar a atuação destes futuros profissionais na Educação Básica” (NAKADE; PANIAGO, 2022, p. 2) o programa foi peça fundamental para a criação da dúvida a respeito da minha futura vida profissional: desejo tornar-me professora?

Ao longo dos 16 meses que estive envolvida no programa, participei de vários congressos e palestras, mas nada que me fizesse desejar seguir na docência. O que tornou minha entrada no campo de estudos sobre educação e docência tardia. Rememorando essa vivência, chego à conclusão que tal dúvida era natural de surgir. O PIBID, subprojeto de Biologia da instituição, nunca antes fora conduzido totalmente de maneira remota. Esse modelo foi desafiador para o docente orientador conseguir fazer os pibidianos criarem conexões com a docência em um contexto tão desafiador.

No início do ano letivo de 2022 e partindo para o 5º período do meu curso de graduação, as aulas retornaram de modo presencial e assim pude começar a desfrutar de tudo o que aquela instituição tinha a oferecer. Participei de laboratórios, projetos de extensão, de

atividades promovidas pela universidade e iniciei na pesquisa acadêmica por meio de uma bolsa do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) na área de Botânica. Todo esse envolvimento foi para conseguir saciar minha imensa vontade de aproveitar as oportunidades de aprendizado que o campus possuía e recuperar o tempo perdido, realizando atividades extracurriculares no formato presencial, que são importantes para ampliar os campos de atuação e vivências ao longo do curso (PERES; ANDRADE; GARCIA, 2006).

Foi durante o 6º período, na disciplina de Metodologia do Ensino de Ciências, que começo a me identificar com a docência, quando conheci a professora<sup>2</sup> que seria a futura docente orientadora do Programa Residência Pedagogia (PRP), subprojeto de Biologia, e responsável pela coordenação de ECS do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Foi nesse contexto que a turma do 6º período, que ainda não tinha iniciado suas atividades de estágio curricular, ingressou para o PRP, sob a sua orientação, para ser posteriormente aproveitado como ECS (OLIVEIRA; JESUS; PANIAGO, 2022).

Na referida disciplina, a professora abordou sobre o histórico do Ensino de Ciências no Brasil, produção e execução de planos de aula, auxílio no processo de montagem de aula para o contexto das regências no ECS, estudo formativo do livro *Ensino de Ciências por investigação: condições para implementação em sala de aula* (CARVALHO et al., 2017) e desenvolvimento de portfólio sobre todo conteúdo do semestre. Através dessas discussões e da indicação do *Podcast: Pelo Avesso* (2021) que buscava explicar “a história da eugenia – ‘ciência’ que endossou o racismo no século XX – e seus desdobramentos no Brasil” que iniciei meus estudos sobre racismo científico. Foi nessa perspectiva de entender como o movimento eugênico influenciou na produção do Ensino de Genética no Brasil, que fui me debruçando em torno de materiais como de Carlos; Franzolin; Alvim (2022), a fim de buscar entender melhor como a ciência contribuiu pela prevalência do racismo científico.

Nesse envolvimento com a temática, solicitei a professora que orientasse meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e começamos a articular ideias de investigação envolvendo a questão do racismo científico. Foi ao longo de três meses com (in)tensas leituras, que

---

<sup>2</sup> A referida professora é a segunda autora deste trabalho.

começamos a visualizar um caminho através da produção de um ensino de Biologia antirracista por meio dos livros *Decolonialidades na Educação em Ciências* (MONTEIRO et al., p. 2-17, 2019) e *Descolonizando saberes: a lei 10639/2003 no ensino de Ciências* (PINHEIRO; ROSA, p. 75-88, 2018).

Durante o encontro com as produções científicas nacionais sobre racismo e educação também vivenciava o PRP que foi validado como ECS. Uma das etapas do PRP e do ECS foi a observação das aulas de Ciências no Ensino Fundamental. Em um desses momentos de observação, presenciei um caso de racismo entre colegas de turma, o que me gerou grande inquietação. Passei algum tempo pensando no ocorrido e cheguei à conclusão de que era hora de colocar em prática tudo o que estava estudando, desenvolvendo algum projeto interdisciplinar a ser aplicado com os estudantes da escola-campo. Com as atividades de orientação e continua imersão na literatura desenvolvemos o projeto: *Título*<sup>3</sup>, que buscava explicar como surgiu a característica de cor de pele negra por meio do processo evolutivo.

Após desenvolvimento do projeto, mergulhei novamente na busca por me apropriar de conceitos ainda desconhecidos por mim. Me sentia indignada pela forma como pesquisadores usaram a ciência como justificativa para segregar e inferiorizar povos e etnias. Sentia-me culpada por ser branca e tinha grande vontade de poder reparar tal barbaridade. Mas como? Assim, comecei uma busca para encontrar uma resposta.

O começo da trajetória de pesquisa foi fortemente marcado pelo medo de ser uma pesquisadora branca que desejava entender e desvendar a história por trás do racismo científico. Nesse momento de apreensão, o papel da orientadora foi muito importante para acalmar minhas dúvidas, confortar meu coração angustiado, tirar a venda dos olhos acerca dessa realidade e para me sulear, indicando novas leituras, na medida em que surgiam novas inquietações. De acordo com Silva e Vieira (2015), uma orientação feita de modo agradável e afável torna a relação orientador-orientando muito mais tranquila para a “aquisição de conhecimento relacionados a pesquisa, assim como desenvolvimento pessoal e intelectual” (SILVA; VIEIRA, 2015, p. 3).

---

<sup>3</sup> Para maior detalhes sobre o projeto ver: [será inserida a referência da publicação após processo de avaliação as cegas]

Com as leituras, foi através do encontro com a filósofa Djamila Ribeiro, no livro *Pequeno Manual Antirracista*, que cheguei à resposta para minha inquietação: “Não se trata de se sentir culpado por ser branco: a questão é se responsabilizar” (RIBEIRO, p. 39, 2019). Esse encontro me trouxe uma nova reflexão: se não fosse a branquitude para criar o racismo existente na sociedade, não seria o branco peça fundamental para conseguir combater o racismo estrutural existente no Brasil através da autorresponsabilidade?

Assim comecei a me questionar sobre qual o meu papel na luta antirracista e em como poderia ser uma professora antirracista. Novamente, minha orientadora foi fundamental. Me indicou o livro *Como ser um educador antirracista* da escritora Bárbara Carine. Nele, a autora nos convida a refletir sobre os caminhos emancipatórios para desconstruir o racismo por meio da Educação para as Relações Étnico-raciais (PINHEIRO, 2023).

Nos aliamos a essas autoras que encontramos no processo formativo no contexto da PRP e do ECS e no caminho de desenvolvimento do TCC para pensar estratégias que pudessem colocar em funcionamento uma educação antirracista. Esse movimento resultou no projeto desenvolvido na escola-campo e no TCC, que apresenta uma sequência didática (SD) como proposta de ensino do conteúdo de anemia falciforme. A referida SD foi elaborada com a perspectiva de romper com os estereótipos da racialização relativa à referida condição genética, sendo direcionada para o aprimoramento de profissionais da Educação Básica, professores/as em formação, docentes do Ensino Superior e formadores/as de professores/as. Durante toda trajetória de escrita do TCC, fui produzindo resumos para congressos como Encontro Regional de Ensino de Biologia (EREBIO), Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC) e Seminário de Educação e Relações étnico-raciais (SEER), como forma de aproveitar todo tempo de estudo e para colocar em prática meu conhecimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do PRP, tive contato com salas de aula, com turmas de ensino fundamental e médio, com turmas difíceis de lidar, com turmas tranquilas, com inseguranças sobre minha forma de ensinar, com professores/as mais experientes que me aconselharam. Mas, principalmente, me encontrei em um ambiente ao qual tinha muita satisfação de estar.

Quando me perguntam “Você quer ser professora?”, eu respondo: “Sim, quero, pois, amo ensinar e amo essa profissão”.

Entretanto, esse pensamento demorou para ser moldado e essa resposta demorou para ser articulada assim. Foi um longo processo de crescimento pessoal e profissional, de entendimento da triste realidade do surgimento do racismo estrutural no Brasil e de reflexões acerca dos meus objetivos futuros. O PRP e minha orientadora de pesquisa foram os grandes responsáveis para o amadurecimento dessa convicção, com o PRP me fazendo ter o contato com a realidade escolar e a orientação me guiando para a construção dessa convicção.

Foi através das minhas leituras que pude enfim aceitar/perceber que não deixei de ser racista, uma vez que, de acordo com Ribeiro (2019, p. 14) “mesmo que uma pessoa pudesse se afirmar como não racista (o que é difícil, ou mesmo impossível, já que se trata de uma estrutura social enraizada) [...]”, ainda usufruo dos benefícios da branquitude. Apenas estou desenvolvendo um olhar mais atento para essas questões e buscando engajar na luta antirracista através de leituras de pesquisadores/as negros/as e no desenvolvimento de uma biologia humanizada. Como professora branca, tenho buscado aprofundar meus conhecimentos para produzir uma biologia menos excludente, utilizando dessa posição no enfrentamento da luta racial por meio da educação básica.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Bárbara Letícia de Freitas; SIQUEIRA SILVA, Luciana Aparecida. Uma proposta de ensino de ciências antirracista no contexto do estágio curricular supervisionado. In: VI Encontro Regional de Ensino de Biologia -VI EREBIO 09. 2024. Uberaba. **Anais** [...]. Uberada: Universidade Federal do Triângulo Mineiro, 2023.

CARLOS, Anderson Ricardo; FRANZOLIN, Fernanda; ALVIM, Márcia Helena. Eugenia à Moda Brasileira: Problematizações Históricas para o Ensino de Genética. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 22, p. 1-26, 2022.

CARVALHO, Ana Maria Pessoa de. O ensino de Ciências e a proposição de seqüências de ensino investigativas. In: CARVALHO, Ana Maria Pessoa de (org.). **Ensino de Ciências por Investigação**. São Paulo: Cengage Learning, 2013. p. 1-20.

DUTRA, Débora Santos de Andrade; CASTRO, Dominique Jacob F. de A; MONTEIRO, Bruno Andrade Pinto. Educação em Ciências e Decolonialidade: em busca de caminhos outros. In: MONTEIRO, Bruno Andrade Pinto (Org.); DUTRA, Débora Santos de Andrade (Org.); CASSIANI, Suzani (Org.); SÁNCHEZ, Celso (Org.); OLIVEIRA, Roberto Dalmo Varalho Lima (Org.). **Decolonialidade na Educação em Ciências**. São Paulo: Editora Livraria da Física, p. 2-17, 2019.

NAKADE, Jéssica Pereira de Oliveira; PANIAGO, Rosenilde Nogueira. Egressos do Pibid: o movimento de aprender a ser professor e o fazer docente em sala de aula. **INTERFACES DA EDUCAÇÃO**, [S. l.], v. 13, n. 38, 2022.

OLIVEIRA, Adrielly Aparecida de; JESUS, Geovanna Gomes de; PANIAGO, Rosenilde Nogueira. O programa residência pedagógica como momento de aprendizagem docente: desafios e possibilidades. **Diversitas Journal**, v. 7, n. 2, 2022.

PARAÍSO, M.A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, D.E.; PARAÍSO, M.A. (org.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 25-48

PERES, Cristiane Martins; ANDRADE, Antonio dos Santos; GARCIA, Sérgio Britto. Atividades extracurriculares: multiplicidade e diferenciação necessárias ao currículo. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 31, n. 3, 2007.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares; ROSA, Katemari. (Org.). **Descolonizando saberes: a lei 10639/2003 no ensino de Ciências**. São Paulo: Livraria da Física, 2018. v. 2. 273p.

PODCAST PELO AVESSO. [Locução de]: Jessica Almeida e Vinicius Luís. Spotify, ago. de 2021. **Podcast**. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3WHyS1HRKEDPwLJg9FieCD>. Acesso em: 01 abr de 2024.

SILVA, Andressa Hennig; VIEIRA, Kelmara Mendes. Síndrome de Burnout em Estudantes de Pós-Graduação: Análise da influência da Autoestima e Relação Orientador-Orientando. **Revista Pretexto**, v. 16, v. 1, p. 52-68, 2015.